



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO - UNIFAMETRO
PSICOLOGIA**

**MARÍLIA MARIA MARTINS GUIMARÃES
VINÍCIUS FÉLIX FERREIRA DA SILVA**

**PSICOTRÓPICOS E SAÚDE PSÍQUICA NO MEIO ARTÍSTICO MUSICAL
BRASILEIRO**

Análise documental: Rita Lee e Chorão

**FORTALEZA - CE
2023**

PSICOTRÓPICOS E SAÚDE PSÍQUICA NO MEIO ARTÍSTICO MUSICAL
BRASILEIRO

Análise documental: Rita Lee e Chorão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Psicologia do CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO (UNIFAMETRO) como parte dos requisitos para a conclusão do curso. Orientador (a): Professor Dr. Cícero Igor Simões Moura Silva, PhD.

MARÍLIA MARIA MARTINS GUIMARÃES

VINÍCIUS FÉLIX FERREIRA DA SILVA

PSICOTRÓPICOS E SAÚDE PSÍQUICA NO MEIO ARTÍSTICO MUSICAL
BRASILEIRO

Análise documental: Rita Lee e Chorão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 08 de dezembro de 2023 como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia da UNIFAMETRO, tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof.º. Dr. Cícero Igor Simões Moura Silva, PhD.
Orientador - UNIFAMETRO

Prof.ª. Drª. Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira
Membro - UNIFAMETRO

Prof.ª. Me. Larissa Façanha de Mattos Dourado
Ex-membro - UNIFAMETRO (Convidada)

“Não faço a Madalena arrependida com discursinho antidrogas. Reconheço que minhas melhores músicas foram compostas em estado alterado, as piores também”.

(Rita Lee)

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos destinados aos nossos familiares e colegas de faculdade que contribuíram como rede de apoio ao longo de nossa formação. Agradecemos também, em especial, nosso orientador Profº Dr. Cícero Igor, o qual prestou apoio e direcionamento ao longo de todo este percurso de construção. Ao corpo de funcionários da Unifametro, em especial ao da biblioteca da Unifametro campus Carneiro da Cunha e campus Conselheiro Estelita, por todo suporte e orientação. Por fim, ao corpo docente de psicologia da Unifametro que de forma direta ou indireta sempre auxiliaram em nossa graduação. Sentimos que conseguimos modificar, notadamente, este curso de psicologia, bem como esta faculdade. Porém, sentimos, também, que este curso, bem como esta faculdade nos transformaram profundamente enquanto pessoas e profissionais. Todavia, isso tudo só ocorreu devido nossa amizade que, ao longo destes 5 anos, muito foi refúgio, estímulo, incentivo, apoio, impulso, conforto, segurança e carinho um para o outro. Foi um prazer trabalhar com você e um privilégio em te ter como melhor amigo todo este tempo, Vinícius. Assim como foi um prazer ter você como irmã, Marília. Sem você, minha graduação não teria tido a mesma graça e meu processo não me levaria tão longe. Você é parte de quem eu sou hoje.

PSICOTRÓPICOS E SAÚDE PSÍQUICA NO MEIO ARTÍSTICO MUSICAL BRASILEIRO.

Análise documental: Rita Lee e Chorão

Marília Maria Martins Guimarães¹

Vinícius Félix Ferreira da Silva²

Cícero Igor Simões Moura Silva³

RESUMO

No meio artístico musical, o uso de psicotrópicos é mais tolerado e até incentivado em alguns casos, sendo visto, muitas vezes, como um recurso para se chegar a um estado mais criativo neste meio. Porém, cabe elencar o questionamento de como essa relação pode afetar a saúde mental de um artista. Para tal estudo, foram selecionados os artistas: Rita Lee e Chorão. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender a relação entre uso de substâncias psicoativas e saúde mental dos artistas: Rita Lee e Chorão, levando em consideração a intersecção de estudos sociais, biológicos e psicológicos. Foi realizada uma análise documental da vida desses artistas, com base em uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e descritiva, com ênfase nas neurociências durante os meses de fevereiro a novembro de 2023, na qual, as pesquisas foram feitas pelas plataformas EBSCOHost, *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), por meio de literatura cinzenta e pelas plataformas de mídia digital, como YouTube e Netflix. Utilizou-se os operadores booleanos de pesquisa “AND” e “OR”, e as seguintes palavras de busca: [(“Psicotrópicos”) OR (“Drogas”)] AND (“Artistas”) AND [(“Saúde Mental”) OR (“Saúde Psíquica”)] pesquisados na plataforma Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Após as pesquisas, foi visto que as relações que Rita Lee e que Chorão desenvolveram com alguns psicotrópicos se construíram de formas subjetivas e distintas. Também foi possível observar que as relações interpessoais e as carreiras desses artistas, muitas vezes atravessadas pelas drogas, foram influenciadas fortemente por marcadores sociais e pelos contextos históricos em que viveram.

Palavras-chave: Psicotrópicos; Drogas; Saúde Psíquica; Rita Lee; Chorão.

¹ Graduanda do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

² Graduando do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

³ Prof^o. Dr. do curso de Farmácia da UNIFAMETRO.

ABSTRACT

In the artistic musical environment, the use of psychotropic drugs is more tolerated and even encouraged in some cases, and is often seen as a resource to reach a more creative state in this environment. However, it is worth mentioning the question of how this relationship can affect an artist's mental health. For this study, the artists were selected: Rita Lee and Chorão. Thus, the objective of this work is to understand the relationship between the use of psychoactive substances and the mental health of the artists: Rita Lee and Chorão, taking into account the intersection of social, biological and psychological studies. A documentary analysis of the lives of these artists and a bibliographic review were carried out, of a qualitative and descriptive nature, with an emphasis on neurosciences during the months from february to november 2023, in which the research was carried out using the EBSCOHost, Scientific Electronic Library Online (SciELO), through gray literature and digital media platforms, such as YouTube and Netflix. The Boolean search operators "AND" and "OR" were used, and the following search words: [{"Psychotropics"} OR {"Drugs"}] AND {"Artists"} AND [{"Mental Health"}OR {"Psychical Health"}] searched on the Regional Portal platform of the Virtual HealthLibrary (VHL). After the research, it was seen that the relationships that Rita Lee and Chorão developed with some psychotropic drugs were constructed in subjective and distinct ways. It was also possible to observe that the interpersonal relationships and careers of these artists, often influenced by drugs, were strongly influenced by social markers and the historical contexts in which they lived.

Keywords: Psychotropics; Drugs; Mental Health; Rita Lee; Chorão.

1 INTRODUÇÃO

O meio artístico musical é marcado pelo uso de drogas entre os artistas desde a antiguidade. “Cantores, compositores e instrumentistas procuraram, por meio delas, ganhar maior criatividade, energia nas apresentações e alívio para seus tremores” (Kusinitz, 2000).

Nessa lógica, cantores como Rita Lee e Chorão, por exemplo, já comentaram relatos sobre suas experiências com drogas nesse meio, através de entrevistas disponíveis na plataforma YouTube, ou no caso de Rita Lee, também em sua autobiografia: “reconheço que minhas melhores músicas foram compostas em estado alterado, as piores também” (Lee, 2016). Através de comentários assim, nota-se que o consumo de drogas psicotrópicas, em muitos casos, é tido como uma ferramenta em momentos de criação e criatividade na arte.

Sob esse viés, a Organização Mundial da Saúde (OMS) entende que psicotrópicos são substâncias não produzidas pelo organismo, que alteram os comportamentos dos usuários, as quais podem ser encontradas de maneira natural ou serem produzidas quimicamente de modo sintético. Assim como os transtornos mentais, essas drogas produzem alterações no sistema nervoso, de modo que alteram funções cognitivas como percepção, atenção e funções emocionais, entre outras, no indivíduo (*World Health Organization*, 2023). Nessa perspectiva, o consumo de entorpecentes pode ser visto como um fator que afeta a saúde mental de quem os consome, sendo mais impactante em artistas que já sofrem com transtornos mentais.

Com o fito de responder à pergunta: “como se desenvolve a relação de uso de Rita Lee e de Chorão com as drogas psicotrópicas?”, avaliou-se esses artistas, a fim de averiguar como o consumo dessas, no âmbito musical, pode interagir com a saúde mental e quais as possíveis repercussões nas produções artísticas deles.

Assim, a necessidade e importância da compreensão desse fenômeno vêm como movimento crítico na formação de profissionais que operam com a natureza humana, uma vez que, ao terem suas necessidades colocadas em segundo plano para servir a um modelo de indústria, artistas estão sujeitos a desenvolver condições oriundas de sofrimento psicológico. Além da tentativa de evidenciar a proposição acima, outro motivo relevante para a construção do trabalho é a escassez de pesquisas voltadas para a elaboração de estudos sobre como o uso de substâncias psicoativas está relacionado à produção de arte no ciclo artístico musical.

Desse modo, espera-se que com o presente trabalho, por meio de análise documental, assim como através de revisão bibliográfica, seja possível identificar como se dá as relações de uso de Rita Lee e de Chorão com algumas drogas, levando em consideração a intersecção de estudos sociais, biológicos e psicológicos, com destaque para as neurociências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Psicotrópicos

A definição de droga é um tópico controverso, uma vez que questões sociais estão envolvidas na produção de significados tanto no âmbito geral da conceituação, quanto na classificação de cada substância. Portanto, uma temática atravessada por extremismos, *fake news* e passível de discursos pobres em base teórica (Pasquim, Oliveira, Soares, 2020).

Contextualmente falando, o percurso da interação entre drogas e humanos data de um período muito longo na história da humanidade. Acredita-se que de 8000 a.C. em diante, as plantas psicoativas fazem parte do cotidiano, pois existem fortes evidências sobre o fato em sítios arqueológicos do período supracitado (Araujo, 2014).

Como exemplo, três, dentre muitas civilizações, faziam uso de drogas em experiências religiosas e sociais: hindus, gregos e romanos. Em âmbito ritualístico, segundo o texto sagrado “*Atarva Veda*”, os hindus consideravam a *Cannabis sativa* uma das cinco plantas sagradas. Por outro lado, gregos e romanos, já no último milênio antes de Cristo, utilizavam a planta em ocasiões sociais, misturando-a com mirra e vinho (Araujo, 2014).

Porém, o exercício ritualístico persiste na história, mesmo com a delimitação jurídica e social. Em um contexto mais atual, existe uma prática religiosa ligada à *Ayahuasca*, um psicotrópico conhecido, no Brasil, como *daime*, substância consumida e fundamental para consumação da doutrina do Santo Daime (Lowell, Adams, 2017). Com sede em Céu do Mapiá (AM), a Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal (ICEFLU) exerce uma tradição sincrética, reunindo ensinamentos indígenas, esotéricos, católicos etc. (ICEFLU, 2015).

À priori, para iniciar o estudo, duas descrições se destacam como introdutórias. De acordo com a OMS, psicotrópicos podem ser entendidos como “substâncias que afetam a mente e os processos mentais” (*World Health Organization*, 2023). Já a

definição farmacológica, considera-os como qualquer substância que possa alterar a funcionalidade regular do organismo (Araujo, 2014).

Para delimitar o repertório abordado, serão consideradas como drogas apenas as substâncias psicoativas, ou seja, os químicos psicotrópicos (naturais ou sintéticos) cuja ação no organismo é de alteração no humor e nos comportamentos (Rang *et al.*, 2016), tais quais: opioides, álcool e inalantes.

Dentro das classificações das drogas, também existe uma divisão em relação a permissão jurídica para a comercialização delas, separando-as em lícitas e ilícitas. Sendo as drogas lícitas aquelas que podem vir a ser vendidas, enquanto que as ilícitas não podem vir a ser comercializadas, pois é interpretado como crime (Araujo, 2014).

No Brasil, são exemplos de drogas ilícitas: “maconha, haxixe ou *skank*, cocaína em pó (excluídas as formas fumada e injetável), crack e similares (cocaínas fumáveis), solventes, ecstasy/MDMA, *ayahuasca*, LSD, cetamina e heroína”. Já as drogas lícitas são: álcool, tabaco e medicamentos não prescritos (Bastos *et al.*, 2017). Em destaque, a droga ilícita mais utilizada entre pessoas de 12 a 65 anos nas capitais brasileiras é a maconha, sendo superior ao conjunto das demais substâncias ilegais; por outro lado, o álcool é apresentado como a substância lícita mais consumida, resultado apontado pelo fato de mais da metade da população já ter o consumido. Medicamentos sem prescrição médica, como tranquilizantes benzodiazepínicos, também são muito usados e acompanham a problemática da prática de automedicação e do uso dos fármacos de forma imprópria (Bastos *et al.*, 2017).

Além disso, existem outras classificações referente às drogas; dentre elas, cabe destacar a classificação das drogas levando em consideração o uso que se faz delas, tendo como divisões: uso medicinal, uso recreativo e uso abusivo. O uso medicinal diz respeito ao consumo de uma droga com a finalidade médica, visando ao tratamento de alguma enfermidade e, geralmente, ocorre com acompanhamento de algum profissional da área da saúde. Por sua vez, o uso recreativo se refere a “qualquer forma de consumo que não seja parte de tratamento médico, pesquisa científica ou ritual religioso”. Ademais, tem-se o uso abusivo, onde existe a expressão “abuso de drogas”, “utilizada pela Associação Psiquiátrica Americana e por muitos médicos para definir um estágio do uso de drogas que se situa entre o ocasional e o compulsivo, típico de uma dependência química” (Araujo, 2014, p. 20).

Por fim, tem-se a divisão relacionada aos mecanismos de ação das drogas no organismo das pessoas. Nessa classificação, os psicotrópicos são subdivididos em 3

categorias: estimulantes, depressores e psicodélicos (Liberato, 2019). Cada uma dessas categorias terá um funcionamento orgânico diferente nos indivíduos.

Por exemplo, as drogas estimulantes ativam o sistema nervoso central, que é o nosso sistema biológico responsável por processar as informações nervosas. Logo, elas aumentam a atividade motora, fornecem sensação de euforia, impulsionam o estado de vigília e reduzem o sono, ou seja, deixam o sujeito agitado e em estado de alerta. O principal psicoativo dessa classificação é a cocaína derivada da *Erythroxylon coca* (Liberato, 2019).

As drogas depressoras, por outro lado, diminuem a atividade no nosso córtex pré-frontal, região responsável por tomada de decisão, assim, a pessoa fica mais sonolenta, desinteressada e lenta ao ingerir esse tipo de droga. O álcool é o psicotrópico principal dessa categoria (Liberato, 2019).

Já as drogas psicodélicas, perturbadoras ou alucinógenas não afetam, significativamente, a quantidade de atividade cerebral, mas sim a qualidade dos processos neurológicos. Esses psicotrópicos distorcem as sensações, pensamentos e elaborações de sentido de realidade dos usuários, fazendo com que os cérebros deles comecem a funcionar fora do “normal”. Em destaque, temos a Dietilamina do ácido Lisérgico ou LSD e a *Cannabis sativa* ou maconha (Liberato, 2019).

Nessa perspectiva, entende-se que a cocaína, o álcool e o LSD possuem classificações distintas, além de mecanismos de ação específicos diferentes: a primeira é considerada estimulante e ilícita, a segunda é depressora e lícita, por fim, a terceira é perturbadora e ilícita. Por outro lado, elas possuem algo em comum: exercem influência sobre o neurotransmissor dopamina (Lieberman, Long, 2023).

2.2 Perspectiva neurocientífica

O meio artístico musical pode agir como reforço social para o surgimento de determinados comportamentos, dentre eles cabe ressaltar o de fazer uso de drogas (Baldaia, 2023). Desse modo, surge o questionamento de como esse comportamento ocorre em nível orgânico e biológico nas pessoas inseridas nesses contextos.

Dentro dessa lógica, cabe elencar que esse comportamento exerce influência sobre a saúde mental de um artista, a qual passa a entrar em contato com uma rede de estímulos complexos ao se inserir na indústria da música.

Portanto, dentro desse contexto, em específico o musical, processos psicológicos podem ser comprometidos, uma vez que se valoriza a produção artística em detrimento da saúde mental ou saúde psíquica do indivíduo (Portí *et al.*, 2021).

Cabe dizer que a saúde psíquica pode ser vista em algumas conceituações. A primeira, de autoria da OMS, tem suas considerações pautadas na autonomia, produtividade e contribuição para com o meio.

Nossa saúde mental é tão importante quanto nossa saúde física. Quando temos saúde mental podemos lidar com os estresses da vida, compreender nossas habilidades, aprender e trabalhar melhor e contribuir ativamente para nossas comunidades (*World Health Organization*, 2022, p.11, tradução nossa).

Contudo, a saúde em âmbito geral não se enquadra em uma única consideração. À vista disso, sob o enfoque neurológico, o estudo da saúde mental busca refletir como a mesma pode ser afetada e que aspectos da vida do indivíduo podem colaborar para seu prejuízo, sem abrir mão de entender o sujeito no seu contexto, tanto biológico como social (Macedo, 2023).

Fica nítido, portanto, que para analisar um fenômeno neuropsicológico complexo, deve-se efetuar uma investigação criteriosa, portanto, embasada por linhas teóricas e empíricas. Destarte, a corrente neurocientífica é disposta como opção fundamental para o entendimento da construção do sujeito e dos processos neurológicos.

Através de estudos neurocientíficos, pode-se entender que o fenômeno do uso de drogas psicotrópicas está relacionado com o circuito de recompensa cerebral, também chamado de circuito do desejo ou sistema mesolímbico (Lieberman, Long, 2023). Esse circuito é o responsável por nos enviar sensações de prazer e satisfação, por isso o uso dos termos “recompensa” e “desejo”. Se esse circuito fosse uma peça de teatro, a dopamina seria a atriz principal, sendo, portanto, a principal agente. Por muito tempo, pensou-se que a dopamina era responsável pela produção de prazer, entretanto, após experimentos em laboratório com ratos, foi possível identificar que esse neurotransmissor está, na verdade, associado à motivação e ao desejo para a realização de atividades (Lieberman, Long, 2023).

Por esse motivo, a dopamina é fundamental, pois sem ela, o indivíduo perde a capacidade de se manter estimulado para fazer as tarefas do dia a dia, e isso pode deixá-lo desmotivado, sem energia, até apático e depressivo nas situações

(Lieberman, Long, Michael, 2023). Entretanto, a Dr^a. Lembke (2022) traz em seu livro “Nação Dopamina” que o excesso desse neurotransmissor também se torna prejudicial porque altera o funcionamento do sistema nervoso central a ponto de fazer a pessoa distorcer a compreensão da realidade, promovendo alucinações e delírios como uma das principais consequências.

Sob esse viés, Kandel *et al.* (2014) traz na obra “Princípios de neurociências”, que a dopamina está intimamente envolvida com o fenômeno da adicção em relação ao uso de substâncias químicas e que esse fenômeno ocorre da seguinte forma no organismo das pessoas que fazem uso dessas drogas: a dopamina é produzida na área tegumentar ventral do cérebro e há um aumento na transmissão sináptica dos neurônios, intensificando o envio de dopamina para o núcleo *accumbens*, área responsável por funções emocionais, motivacionais e psicomotoras. Por outro lado, isso não acontecem outro sistema importante que envolve a dopamina – o sistema mesocortical ou circuito de controle da dopamina. Nesse circuito, há um desvio no percurso traçado pelos neurônios que a liberam. A dopamina é produzida na área tegumentar ventral, porém é enviada para o córtex pré-frontal, que é a região responsável pelo raciocínio e cognição. Então, basicamente, entende-se que existem como se fossem 2 sistemas envolvendo a dopamina, o circuito do desejo e o circuito do controle.

Portanto, por meio do estudo da neurobiologia do vício, conclui-se que “o que torna uma droga viciante é a capacidade de ativar a dopamina no circuito do desejo. O álcool faz isso, a heroína faz isso, a cocaína faz isso e até a maconha faz isso” (Lieberman, Long, 2023).

2.3 Rita Lee

Rita Lee Jones de Carvalho nasceu em São Paulo, no dia 31 de dezembro de 1947. Desde a infância, viveu em um contexto socioeconômico de classe média alta, no qual foi criada por seus pais, que possuíam personalidades bem diferentes. Sua mãe, Romilda Jones, era descendente de italianos, gostava muito de tocar piano e era “católica fervorosa” (Oliveira, 2007). Por outro lado, seu pai, Charles Jones, era descendente de americanos, seguia a religiosidade da Maçonaria e era um estudioso dedicado dos estudos esotéricos, como ocultismo e ufologia. “Então tinham esses 2 extremos. Meu pai: a lógica, o louco. E minha mãe: a papiza, a linda, a namorada. E os dois me influenciaram muito nisso” (Oliveira, 2007).

Logo, percebe-se que Rita Lee cresceu com essas duas figuras de cuidado e autoridade que influenciaram em seu interesse pela música (por influência da mãe) e pela ufologia, que inclusive veio a criar sua paixão por discos voadores (influência do pai). Assim, a artista obteve contato com a música desde cedo através dos familiares, principalmente, por intermédio de sua mãe. Entretanto, a partir somente da adolescência, ela passou a demonstrar interesse em seguir carreira musical. Nesse início, começou cantando e participando de clubes e eventos (Lee, 2016).

Em seguida, montou uma banda chamada “Os Bruxos”, a qual foi participar do programa “O pequeno mundo de Ronnie Von”, do apresentador e cantor Ronnie Von, em 1969. Ronnie elogiou a banda, porém aconselhou que trocassem de nome, sugerindo, então, “Os Mutantes”. A justificativa vinha do livro que ele estava lendo na época: “O império dos mutantes”. Assim, surgia a banda “Os Mutantes” de Rita junto com Arnaldo Baptista e Sérgio Dias. Durante sua participação na banda, demonstrou muitas habilidades em cantar, assim como, tocar múltiplos instrumentos, tais como, flauta e percussão. Após uma divergência de estilos musicais dentro da própria banda, Rita sai de “Os Mutantes” e cria uma nova banda intitulada “Tutti Frutti”, na qual ela lança um de seus álbuns de maior sucesso, “Fruto Proibido”, em 1975. A partir daquele momento, Rita Lee começa a ser reconhecida como estrela do rock brasileiro. Em 1979, ela decide seguir carreira solo e, durante a década de 80, mantém-se produzindo canções em um estilo mais pop junto a seu marido Roberto de Carvalho (Lee, 2016).

Rita faleceu no dia 8 de maio de 2023, aos 75 anos, devido ao câncer de pulmão, para o qual fazia tratamento desde 2021. Em sua autobiografia intitulada “Rita Lee: Uma autobiografia”, ela relata que sua trajetória artística foi fortemente marcada pelo uso de substâncias psicotrópicas como álcool, *Cannabis sativa* e LSD. Nessa perspectiva, cabe o questionamento a respeito de em que medida esse vínculo com as drogas atravessou os momentos de produção das músicas e como essa relação perpassou a vida psíquica de Rita.

É possível perceber a facilidade de acesso às informações sobre a vida pessoal e profissional da cantora. Através de entrevistas, documentários e em sua autobiografia, Rita se mostrou bastante aberta em falar sobre si, sobre a carreira e sobre as drogas que fazia uso. Nesse sentido, seus discursos eram pautados em liberdade, com destaque para a sexual. Seus comportamentos nos palcos, suas falas

em público, suas vestimentas, enfim, todo o estilo de vida de Rita Lee demonstrava autenticidade em uma linha *avant-garde* de ser.

Nas pesquisas sobre Rita Lee, surgem maiores conteúdos e fatos relacionados à vida da cantora por meio de sua autobiografia “Rita Lee: uma autobiografia”, do seu documentário “Ovelha Negra”, e através das inúmeras entrevistas que ela chegou a fornecer.

Através desses meios de informações, percebe-se que, aparentemente, não era um problema para Rita falar abertamente sobre seu consumo de drogas, tornou-se nítido a pluralidade de perspectivas que ela desenvolveu a respeito desse lado de sua vida. A cantora chegou a falar sobre o uso de álcool, comparando-se a seu pai em seu documentário “Ovelha Negra”: “meu pai tinha um lado que é genético e é uma doença, que é o alcoolismo. Que eu também tenho” (Oliveira, 2007).

Porém, também, nas letras das músicas de Rita, é possível identificar que seu posicionamento em relação às drogas se distanciava de arrependimentos. Na música “Obrigado não”, tem-se o trecho “Diga não às drogas. Mas seja educado. Diga não, obrigado. Por que whisky sim? Por que *Cannabis* não?”. Em “Vidinha”, o refrão diz “vidinha besta, vidinha furreca” para se referir a um estilo de vida saudável. Também o grande sucesso que foi a canção “Lança perfume” faz referência, por meio de jogos de palavras e hermenêuticas, ao loló, droga classificada como solvente inalante. Mediante as letras desse repertório musical, vê-se que a relação da cantora com as drogas se desenvolveu de modo espontâneo, chegando a inclusive construir sua própria identidade liberal, meio hippie e meio rockeira.

Portanto, a carreira profissional e a vida pessoal de Rita Lee foram marcadas por uma pluralidade de experiências. As drogas fizeram parte dessas experiências como recursos fundamentais em seu percurso tanto por consequência do contexto em que ela viveu seu auge artístico, quanto por escolha pessoal. Em 2002, durante uma entrevista para o GNT, disse:

Eu entrei em todas e consegui sair de todas graças ao meu anjo da guarda. Não sou Madalena arrependida, não me arrependo de ter tomado drogas. Me ajudou muito a entender várias coisas da vida, a chegar perto de Deus, coisas sensacionais (Canal GNT, 2002).

2.4 Alexandre Magno (Chorão)

Alexandre Magno Abrão, vulgo Chorão, nasceu no ano de 1970, no Estado de São Paulo. Durante a infância, passou por dificuldades no ambiente familiar pois seus pais se separaram quando ele tinha onze anos. Ademais, sua mãe era doméstica e seu pai não tinha condições socioeconômicas para financiar seus estudos, logo Chorão só estudou até a sétima série. Além disso, sua vida era praticamente nas ruas. Entretanto, também foi no período da adolescência, aos quatorze anos, que descobriu sua paixão: skate (Novaes, 2019).

Em 1991, a carreira musical de Chorão começou a se desenhar de uma forma aleatória. Ocorreu um episódio inusitado, Chorão estava em um bar no qual tocava uma banda de rock. O vocalista foi ao banheiro e Chorão decidiu subir ao palco para cantar com a banda. “Eu sei lá, sem noção, sei lá, subi no palco e falei: galera, agora sou eu. Toca uma aí pra mim. E a galera que tava embaixo curtiu muito. Tanto que quando o vocalista voltou, eles não queriam mais o vocal, queriam eu” (Novaes, 2019). Então, alguns dias depois, ele veio a se tornar o vocalista da banda “*What’s Up*”, onde, inclusive, chegou a conhecer Luiz Carlos (Champignon), que viria, no futuro, tornar-se baixista da banda “Charlie Brown Junior”. Mas a “*What’s Up*” não obteve sucesso, então Chorão e Champignon decidiram procurar outro baterista e começar uma nova banda do início (TV Cifras, 2009).

A partir desse momento, foi quando surgiu a banda “Charlie Brown Junior”. O nome da banda foi justificado por Chorão:

Fundei e batizei a banda com esse nome em 1992. Foi uma coisa inusitada. Trombei com uma barraca de água de coco que tinha o desenho do Charlie Brown, aquele personagem do Charles Schulz, mais conhecido por ser o dono do Snoopy (TV Cifras, 2009).

Pesquisando sobre o cantor, as matérias de revista, em sua maioria, falam negativamente da sua relação com as drogas, priorizando como pauta de discussão o vício e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas ao seu redor. Pôde-se perceber, também, que as principais drogas usadas foram a cocaína e as bebidas alcoólicas, inclusive, havendo menção do uso da primeira substância na música “Quinta-feira”, a qual deixou o artista mal após um período de sua vida (Maiato, 2023).

A principal fonte de resultados é o documentário “Chorão: marginal alado” de 2019, cujo propósito era expor a ascensão e o percurso para o fim da banda Charlie

Brown Jr., retratando o estilo de vida de Alexandre Magno. Ademais, o livro escrito por Graziela Gonçalves (ex-namorada do vocalista), “Se não eu, quem vai fazer você feliz? Minha história de amor com Chorão” serviu para entender, através da visão da autora, a relação de Chorão com as drogas antes de encerrarem o seu relacionamento.

Nascido em 1970, Alexandre Magno Abrão ganhou notoriedade andando de skate no litoral paulista, em Santos. Durante seu percurso no esporte, especificamente na categoria freestyle em campeonatos, fazia suas entradas com coreografias mescladas a músicas de seu gosto, seguindo o ritmo. No que diz respeito à sua educação, o artista cursou até a sétima série, renunciando a escola para se aprimorar no skate (Novaes, 2019).

Desde o início de sua carreira, Chorão gostava de se colocar à margem dos valores sociais, pois não concordava com muitas normas de sua época, condição que o motivou a fazer a tatuagem que viria a ser título do documentário, “marginal alado” (Novaes, 2019). Não obstante, na letra “meu escritório é na praia”, da música “Zóio de Lula”, o compositor subverte a crença do escritório ser apenas o emblemático local frequentado por executivos (Zóio de Lula, 2017).

Seu histórico com drogas ganhou destaque durante sua carreira, porém, sempre com associação a eventos negativos. A convivência com Chorão se tornou difícil, com sua vida pessoal sendo comprometida em paralelo com sua profissional. Graziela relata o início e fim do relacionamento, mostrando em passagens do seu livro a relação do cantor com as substâncias. Havia uso constante nas turnês, o que Graziela já tinha conhecimento, mas não se esperava que o cantor agravaria seu quadro (Gonçalves, 2018).

De acordo com o seu segurança, Victor Augusto, Alexandre fazia uso da cocaína e tomava dez comprimidos de lexotan (benzodiazepínico) de uma só vez, medicamento cujo uso em excesso pode causar sedação, relaxamento muscular e dependência, principalmente se o usuário ingerir outras drogas (Lexotan, 2019). Outrossim, em 2009, a interação com psicoativos se tornou mais intensa (Novaes, 2019).

Com o passar do tempo, houve a separação dos integrantes da primeira formação da banda, o que fez Chorão assumir por conta própria a seleção de novos membros e a administração, pois o empresário também se retirou do cargo. Nesse

período, a rotina já carregada de afazeres deu lugar a uma sobrecarga de trabalho (Novaes, 2019).

Contudo, mesmo após o retorno de membros da primeira formação à banda, o cantor liderava como se fosse um fardo, segundo depoimentos do documentário. Sua persistência se dava pela ideia de estar sustentando os funcionários e sua família com os shows promovidos, além de Chorão se dedicar inteiramente ao progresso da Charlie Brown Jr. (Novaes, 2019).

Ao se analisar os fatos envolvidos à carreira de Alexandre, nota-se, primeiramente, a construção de sua vida profissional com ligação interina à banda, cuja dedicação estava atrelada até o fim de sua vida. Porém, através de turnês e shows pontuais, os integrantes ficavam desgastados pelo estresse e pelo cansaço, fatores que afetavam diretamente a relação entre o cantor e todos os outros integrantes. Um dos membros, Champignon, baixista do grupo, relata em uma das cenas do documentário que para manter o seu desempenho enérgico no palco, misturava energético com vodka (Novaes, 2019).

Ao se considerar o caso do cantor, portanto, em contato direto a um ambiente propício ao uso, há maior probabilidade de se manter o uso de uma droga, devido a possíveis gatilhos relativos às experiências de usos passadas (Baldaia, 2023). Concomitantemente, ao relatar a experiência de um artista, Digão Campos, músico da banda Raimundos, fala sobre o contato constante com a noite e, conseqüentemente, sendo artista, ao acesso fácil às substâncias, as quais são comumente oferecidas (Novaes, 2019).

Por último, Graziela relata como Alexandre gostaria de uma vida com propósito, uma vez que se sentia insatisfeito em sua atuação, buscando entrar para o Corpo de Bombeiros ao lado do prédio em que moravam, localizado em Santos. Entretanto, falhou no processo devido sua idade, a qual ultrapassava o pré-requisito (Gonçalves, 2018). Pouco mais de um ano depois do episódio, Chorão sofreria uma overdose ocasionada pelo uso excessivo de cocaína em um quarto de hotel (Tomaz, Piza, 2013).

Chorão faleceu em 6 de março de 2013, tendo como causa da morte overdose de cocaína. Ele tinha o costume de fazer uso dessa substância, além de consumir ansiolíticos e álcool, por vezes todos misturados ao longo do desenvolvimento de sua carreira artística (Novaes, 2019).

Sob esse viés, buscou-se compreender de que maneira a vida artística de Chorão foi influenciada pelo uso de psicotrópicos e quais as consequências biopsicossociais dessa relação na sua vida.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

A pesquisa é uma análise documental com base em revisão bibliográfica a partir das neurociências, visto que o estudo busca entender aspectos neurológicos e sociais que permeiam o uso de drogas no meio artístico musical, uma busca efetuada a partir de estudos da literatura elaborada até então e relatos dos artistas em plataformas de entretenimento, documentários e sites. Optou-se pela análise dos dois cantores pelo nível de referência de suas carreiras no cenário artístico musical brasileiro, por conseguinte, maior facilidade em encontrar informações nas plataformas supracitadas.

3.2 Estratégia de busca

A pesquisa foi realizada nos meses de fevereiro a novembro de 2023. A análise documental dos artistas Rita Lee e Chorão foi realizada através de plataformas de mídia digital, como Youtube e Netflix. A consulta científica foi realizada pela plataforma EBSCOHost, pelo diretório de revista *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e por meio de literatura cinzenta. A coleta de dados foi realizada através de uma busca avançada, sendo utilizados os operadores booleanos de pesquisa “AND” e “OR”, e tendo como base as seguintes palavras de busca: [(“Psicotrópicos”) OR (“Drogas”)] AND (“Artistas”) AND [(“Saúde Mental”) OR (“Saúde Psíquica”)]. Palavras-chave consultadas na plataforma Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

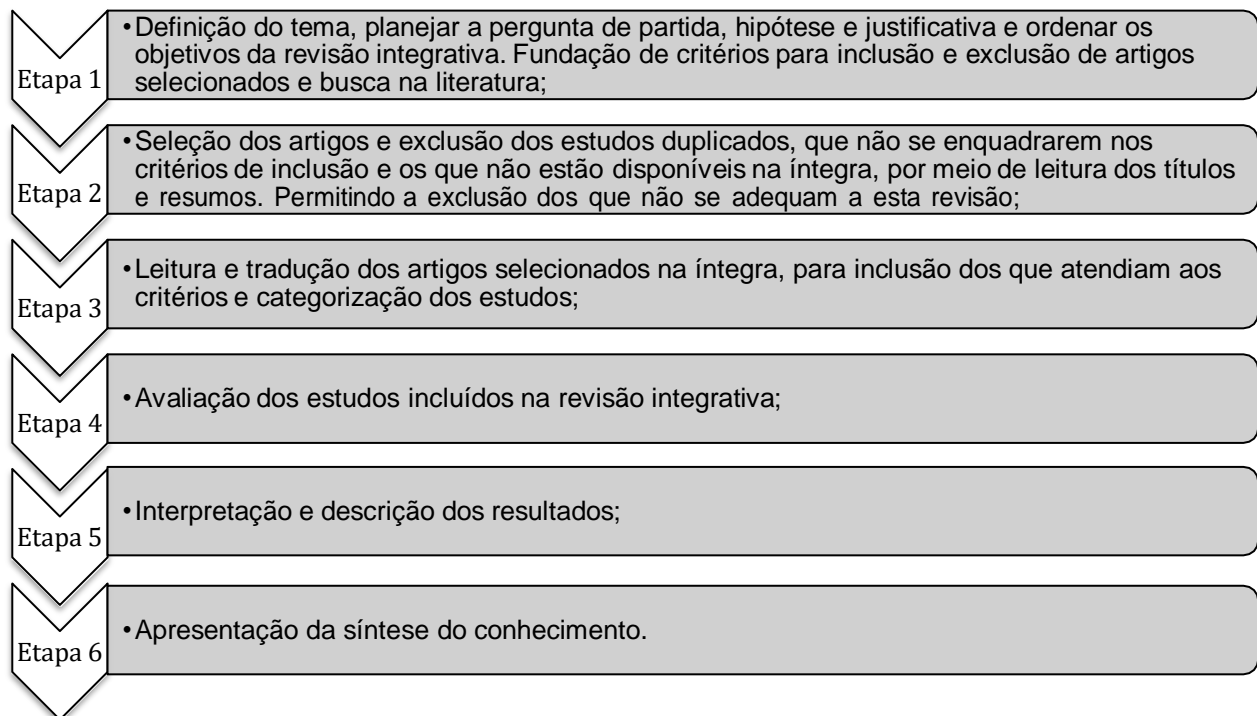
3.3 Análise de dados

O estudo tem por base interpretativa a Análise de Conteúdo, por Bardin (1977). Seguindo o critério de análise, especificamente no que diz respeito à organização da análise (Bardin, 1977), houve a pré-análise, a exploração do material e o tratamento

dos resultados – inferência e interpretação. Além dessa ferramenta, utiliza-se a interseccionalidade (Libardi, Jacks, 2020) como forma de identificação das características sociais, tais quais: gênero, raça, classe etc.; uma vez que os dois artistas abordados constroem suas vivências a partir de lugares carregados de significados historicamente construídos e são perpassados por questões correspondentes aos demarcadores sociais vigentes. Ademais, há a contribuição com a natureza de pesquisa qualitativa (*Ibid.*, 2020).

3.4 Organização e análise de dados

A seleção e coleta do arcabouço teórico foram baseadas nas seguintes etapas:



3.5 Aspectos éticos

Esta revisão sistemática não será enviada ao comitê de ética em pesquisa, pois a pesquisa não irá tratar de estudos com seres humanos. Porém, serão assegurados todos os princípios éticos necessários ao desenvolvimento deste tipo de estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de discutir as consequências geradas em torno do uso de drogas na saúde mental dos músicos selecionados, observou-se que o uso é diversificado, tanto na forma como os artistas descrevem o propósito, quanto nos fatores sociais intrínsecos às suas performances na sociedade. Não obstante, o intuito da interseccionalidade como ferramenta metodológica não é somente evidenciar quais marcadores sociais atravessam os sujeitos, mas explicar como podem ser afetadas as dinâmicas entre eles e a sociedade (Libardi, Jacks, 2020). Além disso, foi notório na construção deste trabalho também, o quanto o contexto sociopolítico de uma época, ou seja, o que pode ser melhor definido como “espírito” de um período, em alemão, inclusive, tem-se um termo mais adequado para denominar esse momento: “*zeitgeist*”, pode perpassar a forma de ser e agir de um sujeito, seja no campo pessoal ou no campo profissional.

Nessa perspectiva, originada pelo movimento feminista negro, a interseccionalidade, enquanto ferramenta epistemológica e metodológica, teve o intuito de destacar as demarcações que os sujeitos carregam, levando em consideração a história e a estruturação de mecanismos entendidos como opressores, tais como o racismo, o capitalismo e o sexismo (Akotirene, 2019).

Destarte, a interação entre raça, classe e gênero (salvo demais marcadores sociais) com sistemas de opressão pode gerar situações de vulnerabilidade prejudiciais ao desenvolvimento humano e favoráveis à discriminação e à segregação de indivíduos cujas características não correspondem à visão de mundo eurocêntrica, em outras palavras, excluem determinados indivíduos de vantagens, por vezes, regidas pelos ideais patriarcal, branco, cisgênero e/ou heteronormativo (Akotirene, 2019). Sob esse viés, buscou-se analisar os respectivos artistas em suas condições sociais e a relação deles com o uso de drogas.

Através dessa lógica, foi visto que Rita Lee era uma mulher, branca, de classe social média alta, nascida e criada em Vila Mariana, bairro nobre localizado na zona sul de São Paulo. Esses fatores podem ser interpretados como exemplos de marcadores sociais que influenciaram a construção da subjetividade de Rita. Por um lado, ser branca e de classe média alta trouxeram benefícios para ela, inclusive desde a infância: “Dizem que eu era feliz e sabia, uma infanta normal que passava o dia na minha bem-aventurada insignificância” (Lee, p. 7, 2016).

Porém, sua trajetória também foi marcada por desafios em ser mulher em uma sociedade patriarcal dos anos 60, devido ao machismo e à dificuldade de legitimação das mulheres naquela época, especialmente no meio artístico musical do rock, o qual era demarcado fortemente por homens. Em 1993, durante uma entrevista com o apresentador Jô Soares, em seu programa de televisão intitulado “Jô Soares Onze e Meia”, Rita chegou até a verbalizar:

(...) era difícil você conseguir passar naquela época dos mutantes, agora não é mais, agora vejo garotas liderando bandas e acho genial, mas foi bem duro naquela época. Eu era convidada a tocar só pandeiro, né, Jô Soares? Era machismo puro (HIGOR VIEIRA, 1993).

Tal cenário ocorreu durante o período da ditadura militar no Brasil, entre os anos 1964 e 1985. No contexto político desse período, tinham-se muita censura, restrição de liberdades e violência dos militares em relação à população. Já no campo artístico musical se destacava o Tropicalismo, que foi um movimento cultural que visava criticar o contexto político de ditadura daquela época através das músicas, e dentro desse movimento se destacaram artistas como: Rita Lee, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa.

Assim, o Tropicalismo, enquanto constituinte do *zeitgeist* daquele momento, ajudou a impulsionar a carreira de Rita, a qual foi se desenvolvendo dentro daquele ambiente sociocultural de muita liberdade, e que, inclusive, favoreceu o uso de drogas, em especial, *Cannabis sativa*, álcool e LSD. “Era uma quantidade de informação, de cor, sabe? Explodindo na minha cara. E era a mesma época do *baurets*, aí comecei a queimar fumo, a tomar ácido”, disse a artista (Oliveira, 2007).

Por outro lado, Chorão era um homem branco, de classe média baixa e viveu em Santos, cidade portuária de elevado índice de desenvolvimento humano (IDH), conseqüentemente, com padrões de vida também elevados. Houve dificuldade em encontrar fontes confiáveis para identificar como vivia o cantor antes da iniciação na vida artística. Porém, sabe-se que Alexandre convivia com seus irmãos e sua mãe, além de ter abandonado cedo os estudos, ainda no fundamental dois, sétima série, quando resolveu se desenvolver como *skatista*.

Em concordância, ao analisar seu contexto, pôde-se observar a manutenção dos valores vigentes entre os jovens de sua época, em torno da década de 80 e 90, tendo em vista o modelo de globalização, ou seja, a importação da cultura estrangeira ou *world culture* (Prysthon, 2001). Destarte, foi uma época cuja tendência eram os

passeios em praias, atividades voltadas para o surfe e o *skate* e a valorização, entre os mais jovens, da oposição aos princípios de produtividade baseados no capitalismo.

Diferente de Rita Lee, entretanto, Alexandre não enfrentou um regime totalitário, havia maior liberdade de expressão e maior abertura para encontros entre jovens. Além disso, ele possuía maior probabilidade de exercer funções mais relevantes em uma banda do que Rita, uma vez que sua vivência em sociedade não era perpassada pelo machismo, ou seja, suas chances de se destacar poderiam ser amplificadas.

No que diz respeito ao *zeitgeist*, entre as décadas de 80 e 90, o período era de rompimento com a cultura denominada culta. Estavam sendo voltadas as atenções, aos poucos, pelas diretrizes midiáticas, para o que havia nas classes mais baixas e periferias, um destaque cujas tradições e estilos passaram a se tornar influentes nas atuações transmitidas pelas novelas e pelas músicas reproduzidas no mercado musical. Parte disso pode ser configurada pela maior permissividade do mercado brasileiro para com a economia internacional, condição favorável para a propagação de novos produtos culturais, consequentemente, maior acesso e alcance cultural em detrimento da monoidentidade burguesa (Prysthon, 2001).

Ademais, enquanto artistas musicais, ambos estavam expostos a cargas exaustivas de trabalho, uma vez que profissionais do ramo enfrentam maiores tensões por seus horários irregulares e isolamento social devido a uma rotina de treino, gravações e viagens. Para mais, o contato com exigências excessivas acarretava em estresse por cobranças de âmbito mercadológico, cognitivo (memorização de letras e elaboração de novas letras) e emocional (Portí, et al., 2021).

De conclusão também se tem que enquanto que Chorão parecia estar preso na lógica de uso de drogas, querendo sair sem êxito, Rita, por outro lado, não demonstrava arrependimento de ter usado drogas, mesmo que também trouxesse consequências ruins. Ademais, Rita, apesar de ser mais velha que Alexandre, viveu até seus 75 anos, em decorrência do agravamento do seu quadro de câncer pulmonar. Enquanto o cantor viveu até seus 42 anos, o qual morreu devido a uma overdose causada pela cocaína.

Desse modo, evidencia-se que as relações que Rita Lee e que Chorão desenvolveram com alguns psicotrópicos foram construídas de formas subjetivas e diferentes.

Além disso, também é possível observar que as relações interpessoais e as carreiras desses artistas, muitas vezes atravessadas pelas drogas, foram influenciadas fortemente por marcadores sociais e pelos zeitgeists em que viveram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da construção deste trabalho, primeiramente, evidenciou-se a existência de um vasto repertório de informações a respeito da vida desses artistas, contando apenas com a escassez de conteúdo em relação à primeira e à segunda infância de Alexandre Magno. Esses dados se mostraram disponíveis em meios diversos, tais como documentários, biografias, entrevistas através de plataformas como Netflix, Youtube, livros, entre outras.

Por meio desses dados, concluiu-se que os contextos sociopolíticos, os quais Rita Lee e Chorão vivenciaram, marcaram suas vidas pessoais e profissionais. No âmbito particular, as personalidades desses artistas se assemelham no que tange a assumirem posturas revolucionárias e rebeldes em relação às regras existentes nesses contextos, inclusive sendo expressas nos títulos de seus documentários: “Ovelha negra” e “Marginal alado”. Também no âmbito profissional, as performances em palco e as letras das músicas, por exemplo, construíram-se de modo autêntico e bastante carregado de emoções por parte desses artistas.

Além disso, a interseccionalidade, enquanto saber teórico e metodológico que pontua a importância de marcadores sociais nas vidas dos sujeitos, atravessou as vidas de Rita e de Chorão, constituindo suas visões de mundo e modos de subjetivar a partir de raça, gênero, território e classe social.

Por fim, foi visto que esses artistas desenvolveram relações com algumas drogas, como *Cannabis sativa*, álcool, LSD e cocaína, durante as construções de suas vidas. Entretanto, foi possível perceber que cada relação se estabeleceu de modo subjetivo e conseqüentemente diferente.

Desse modo, o estudo gera questionamentos para pesquisas futuras, a respeito de em que medida, o contexto sociopolítico, os marcadores sociais, o tipo de droga e, inclusive, formas de uso impactam e atravessam a relação entre artistas e psicotrópicos, além de buscar entender como a indústria musical pode contribuir para o detrimento da saúde psíquica dos artistas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, T. **Almanaque das drogas**. 2ª ed. São Paulo: LeYa, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BASTOS, F. I. P. M *et al.* (org.). III Levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. **Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde/Fundação Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614> . Acesso em: 06 nov. 2023.

Canal GNT. Guerra às DROGAS | Mini Saia especial com Rita Lee. 2002. Entrevistada: Rita Lee. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aL6O8v7EaHA> . Acesso em: 20 nov. 2023.

CHORÃO: Marginal Alado. Felipe Novaes/Hugo Prata. São Paulo: Bravura Cinematográfica MTV Brasil (coprodução), 2019. 1 documentário (1h 16min). Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81279462> . Acesso em: 15 nov. 2023.

GONÇALVES, G. **Se não eu, quem vai fazer você feliz?:** Minha história de amor com o Chorão. São Paulo: Paralela, 2018.

HIGOR VIERA. Jô Soares Onze e Meia - SBT. 13 dez. 1993. Entrevistada: Rita Lee. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCQVdK2u9wo> . Acesso em: 20 nov. 2023.

ICEFLU. **O que é o Santo Daime**. [Online]: 2015. Disponível em: <https://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/o-santo-daime/introducao> . Acesso em: 27 out. 2023.

KANDEL, E. *et al.* **Princípios de Neurociências**. 5ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

KUSINITZ, M. **Tudo sobre drogas:** famosos e drogados. São Paulo: Nova Cultura, 2000.

LEMBKE, A. **Nação dopamina:** por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar. Tradução: Elisa Nazarian. [s. l.]: Vestígio, 2022.

LIBARDI, G.; JACKS, N. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, jul/dez, 2020.

LIBERATO, M. **Bioquímica das Drogas**. Fortaleza: EdUECE, 2019.

LIEBERMAN, D. Z; Long, M. E. **Dopamina:** a molécula do desejo. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

LEE, R. **Rita Lee:** Uma Autobiografia. São Paulo: Globo Livros, 2016.

LEXOTAN. [Bula]. Rio de Janeiro: Laboratório Roche, 2020.

LOWELL, J. T.; ADAMS, P. C. *The routes of a plant: ayahuasca and the global networks of Santo Daime*. **Social & Cultural Geography**, [s. l.], vol. 18, no. 2, 137–157, 2017. DOI 10.1080/14649365.2016.1161818. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=120643783&lang=pt-br&site=ehost-live> . Acesso em: 27 out. 2023.

MACEDO, A. F. DE (coord.). **Neurociências e saúde mental: da essência ao contexto**. [s. l.]: Imprensa da universidade de Coimbra, 8 mai. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2291-0>. Acesso: 10 nov. 2023.

PASQUIM, H.; OLIVEIRA, M.; SOARES, C. B. *Fake news sobre drogas: pós-verdade e desinformação*. **Saúde e sociedade**, v. 29, n. 2. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190342> . Acesso em: 06 nov. 2023.

PORTÍ, E.; PARRADO, E.; CLADELLAS, R.; CHAMARRO, A. *Health outcomes of occupational stress in passionate musicians*. **Sociedad Española para el estudio de la ansiedad y el estrés**, [s.l.], v. 27, n. 1, p. 47-56, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5093/anyes2021a7>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PRYSTHON, A. O negócio da tradição: cultura de massas no Brasil dos anos 90. **Lumina**. Juiz de Fora, v.4, n.2, p. 67-80, 2001. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Prysthon-HP.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

RANG, H. P. *et al. Rang e Dale: psicofarmacologia*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

RITA LEE – Ovelha Negra. Direção: Roberto de Oliveira. Produção: Joana Hime. São Paulo: BAND, 2007. 1 documentário (1h 39min). Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=77FxD4fYqBQ&ab_channel=Document%C3%A1riosOnline . Acesso em: 19 nov. 2023.

ROBINSON, J. *et al. Role of Self-medication in the Development of Comorbid Anxiety and Substance Use Disorders: a longitudinal investigation*. **Arch Gen Psychiatry**, v. 68, n. 8, p. 800–807, 2013.

SANTOS-BALDAIA, R. D. *et al. Distinctive Neuroanatomic Regions Involved in Cocaine-Induced Behavioral Sensitization in Mice*. **Biomedicines** 2023, v. 11, pp. 383. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/biomedicines11020383> . Acesso em: 18 nov. 2023.

TOMAZ, K.; PIZA, P. T. **Overdose de cocaína matou cantor Chorão, conclui laudo do IML**. [Online]: 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/musica/noticia/2013/04/overdose-de-cocaina-matou-cantor-chorao-conclui-laudo-do-impl.html> . Acesso em: 18 nov. 2023.

TV Cifras. **Cifras entrevista Chorão do Charlie Brown Jr.** YouTube, 09 de out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8rxznRp4D0> . Acesso em: 17 nov. 2023.

VIEIRA, F. DE S.; MINELLII, M.; CORRADI-WEBSTER, C. M. Consumo de drogas por pessoas com diagnósticos psiquiátricos: percursos possíveis em uma rede de atenção psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 4, p. 1243–1263, dez., 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Drugs (psychoactive)**. [Online]: 2023. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/drugs-psychoactive#tab=tab_1 . Acesso em: 27 out. 2023.

_____. **World Mental Health Report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ZÓIO de Lula. Compositor e intérprete: Alexandre Magno Abrão. EMI Records Brasil Ltda., 27 out. 2017. *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Df_gGM1h9No . Acesso em: 18 nov. 2023.